

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 9 de Março de 1856.

N. 5.

LITTERATURA.

o Padre Antonio Vieira.

I.

As tradições podem ser intimas e passageiras, podem esquecer de um momento ao outro, ou podem conservar-se perpetuas e invariaveis. A mão do tempo imprime n'ellas o caracter que as deve levar á posteridade, e formar d'ellas um livro aberto em que a multidão e os curiosos possam aspirar o aroma vital, permita-se-nos a expressão, que animou aquelle ou aquellas cousas que formam essas tradições. As vezes aspira-se esse perfume sem que a sua influencia, operada logo, nos conduza ao passado; outros, e por effeito contrario, sentimos que vivemos no tempo que essas tradições nos transmittio e pintou o que vemos com ellas os brilhantes ornamentos que formarão a pagina dourada d'esse livro de muitos seculos.

II.

A historia portugueza encerra muitas d'essas tradições grandiosas. Quasi sempre um sentimento qualquer nos anima quando a abrimos. E comtudo não é sempre o sentimento da admiração e respeito que obriga ao homem a procurar n'ella os factos; quasi sempre a curiosidade ou a distracção preside a essa leitura; e esquecemos que revolvemos as cinzas de um passado de gloria, e que o presente é mesquinho de mais para que possa ser comparado com elle. Mas entre essas tradições algumas ha que não podem nem devem ser recordadas sem que primeiro nos habituemos com a idéa de que ellas são eminentes de mais para que possam apresentar-se em publico despidas d'esse tributo respeitoso que lhe devemos e que se identifica com ellas.

É por isso que antes de começarmos a relatar factos quizemos precedel-os de algumas reflexões. Sejam desculpadas em attenção ao sentimento que as anima.

III.

A biographia do Padre Antonio Vieira é conhecida de todos. O seu nome encerra um seculo de gloria, e o prestigio d'elle sôa mais alto. Não a publicamos com tenção de occupar o lugar mais modesto entre aquelles que d'elle tem tratado. Fazemol'-o por um dever, e porque achamos n'ella esse passado grandioso — o Portugal de D. João I e de D. Manoel.

Relevem-se-nos as faltas, porque tambem nada mais queremos nem pedimos.

Porto, 20 de Janeiro de 1856.

J. RODRIGUES DE XAVIER PINTO.

A recolhida.

(FRAGMENTO.)

Céos! quanto me sois impropicios!... Quão adverso é o destino que pesa sobre mim!... Que fatal estrella presidio a hora do meu nascimento! Josino! meu querido amante,.. meu amigo... Onde estás?!... seis mezes são já passados... seis dilatados seculos para mim, que tua imagem tão cara me não apparece senão em sonhos ficticios... em pensamentos aéreos!... Ah! quanto sou infeliz! em quanto tu, quem sabe se bem ditoso tragando nos braços de outra que o meu lugar já tenha occupado em teu coração a mais deliciosa ambrosia de um existir bem grato!... E por que não?!... És livre, respiras essa aragem embalsamada pelo perfume de odoríferas e mimosas flores, divagas por esses prados, vergeis e bosques de mil verdores alcatifados; eu uma desgraçada captiva, entre os silenciosos muros d'este claustro no estreito e niveloso espaço de uma cella, atropellada pela cruel saudade, flagellada pelos mais agros martyrios, bebendo no calix do infortunio o fél mais amorgoso da existencia, apenas tendo por unico conforto a dôce, mas futil recordação d'esses tempos em que a teu lado frui os mais inefaveis momentos de delicias, esses instantes mais risonhos de fugitiva felicidade; quando sentados na veridente relva do prado, á sombra d'esse poetico e frondente carramanchão, theatro de

nossos infantis folguedos, confidente de nossos mais innocentes amores e testemunha de nossos mais irrefragaveis protestos tu me apertando contra teu peito, depositavas mil ardentes beijos em minhas faces, que, em poeticas, mas sinceras phrases dizias de rosas, porém que hoje existem transformadas pelos soffrimentos e desgostos em côr pallida e macilenta de morte!!... Ah! não sejamos ao menos ambos desgraçados!... sejas pois tu venturoso sem mim, visto que sem ti eu jamais o poderei ser!...

Tenhas podido olvidar-me mais depressa do que eu já nunca o poderei alcançar!... Não pezem sobre ti, ao menos os males que por te amar tenho soffrido e para os quaes só espero a morte como unica libertadora!!... Mas ah! desgraçada! que louco pensamento vem assaltar minha mente escandecida!... longe de mim poderás tu por ventura um momento ter de felicidade!... Um só instante poder-te-ias de mim olvidar!... acaso teu coração poderá inda por instantes pulsar por outrem que não seja eu?!... Oh! não! não é possível... Qual eu te choro, tu não podes deixar de me chorar... qual sem ti, prisioneira sou desgraçada. O coração me diz que mesmo em liberdade tu tambem o és... teu peito não pôde ser menos sensível do que o meu... É impossivel tenhas podido olvidar essas juras de me pertencer até na propria sepultura... ellas não eram mentidas... quantas provas d'isso me deste!... Porém céos! onde estás que não me soccorres?!... Onde te achas que não me arrancas ás unhas feroces dos verdugos que aqui me detêm?!... finar-se-ia acaso essa galhardia que sempre na guerra has mostrado! teus pulsos não terão mais forças para empunhar essas armas, com que inda tão joven fizeste horrificar o inimigo! Ou faltar-te-á a coragem para despedaçar ás pertinases rochas que me circundam?!... Mas ah! que digo! perdão meu Deos! ousei pedir guerra contra a morada de vossa religião!... Meu pai... minha mãe! arrojéi-me a levantar brados contra vós... chaméi-vos verdugos! perdoai!... foi em um momento de delirio... Mas para que sem dó aqui me lançastes!... para que me roubasteis ao mundo quando tudo n'elle me sorria, se o meu crime era só amar... ter dado meu coração a um peito que sincero correspondia ao meu, quando só o ouro, esse vil metal era a unica barreira que se oppunha ao complemento de nossa felicidade!...

Oh! meu Josino! porque não segui teus passos quando prostrado de joelhos a meus pés tanto o exortaste! como que previas a fatalidade que estava reservada ao nosso amor!... Como era bella aquella noite! mil estelinhãs scintillantes matizavam o anil do céu escuro... e a lua nos estava felicitando... seu brusculante clarão se esparsia por toda a parte como que dizendo eu vos encaminho e tu cada vez mais renovavas esses protes-

tos de um amor sem fim!... Quanto agora seriamos ditos! unidos por laços indissolúveis... longe de nossos oppressores, escondidos aos olhares da turba!... Uma cabana singela de pastor, no centro de um bosque, coberta apenas de ramos silvestres seria o nosso abrigo... ah! não temeríamos os horrores da intemperie do frio libertar-nos-íamos estreitados voluptuosamente nos braços um do outro, unindo d'esta fórma o pulçar terno de nosso peito... n'essas horas de calma, deixaramos nosso humilde aposento, indo para junto de um tronco escutar o pathetico ciciar das brisas ao perpassar por entre a espessa folhagem do arvoredo, o melancolico murmúrio da longiqua cascata, o rumorejar da christalina limpha e o cantico ledo e festivo dos mimosos passarinhos: a tão celeste harmonia tu unirias os sons melodiosos de tua lyra, a que eu casára minha voz em um canto de amor e de ternura!

Mais ai! o pejo me obrigou a exitar a combater as tuas ardentes supplicas! para nosso amor estava reservada a corôa de martyrios... a separação eterna!... sim, talvez eterna, porque a esperança já de todo se me finou!...

JOÃO DANTAS DE SOUSA.

Mathilde.

IV.

TRISTÃO.

Ignorava-se a causa da sua continua tristeza, e sorprehendera sobre tudo a mudança que se operava de um instante para outro no bello e poetico semblante da joven, pois que ás suas rosadas côres tinha substituído essa pallidez tocante que revela um soffrimento intimo e duradouro.

Ingenua e simples, Luiza ignorava porque despertava em torno de si uma attenção que bem longe estava de possuir; e a si mesma perguntava se era differente de qualquer outra mulher para ser tão incensada e adorada despertando-a d'este modo das suas mais puras e doces illusões. Luiza amava seu pai com esse amor de filha instinctivo e sancto, causar-lhe o menor desgosto seria pedir-lhe um anno de lagrimas! O doutor pagava-lhe com usura, e no meio d'alegria e dos prazeres que o rodeavam ella esquecia tudo por sua filha procurando dissipar-lhe a tristeza que trazia impressa sempre em seu angelico semblante. Interrogada a cada momento Luiza respondia que nada tinha: pelo contrario, que se reputava feliz por possuir um pai tão terno e carinhoso como era o doutor. Apesar de tudo, a joven aborrecia e fugia d'esses prazeres que seu pai, em sua terna sollicitude lhe procurava. Ex-

tranha a elles, e sorrindo-se sempre Luiza recebia com agrado as homenagens que de toda a parte lhe offertavam, e era n'estes momentos que o doutor Rego agradecia a Deos a felicidade de que gosava possuindo um tal thesouro. O doutor Gama Cardoso, como habil observador conhecêra que Luiza amava em silencio e que esse amor devia morrer com ella lentamente como na primavera morre a flôr açoutada pelo contiuuo bater de um vento rebelde. O mancebo advinhou tudo isto, e sabia que Luiza, pura e casta como era, jamais se animaria a confessal-o, e a dizer a seu pai, que só a posse do objecto amado lhe faria adquirir a sua alegria de outra'ora! Por isso o generoso doutor jurou descobrir o mortal feliz que tinha o amor de uma mulher como Luiza, e a si mesmo prometeu de cooperar para a felicidade d'aquella que faria do amor um culto e uma crença. Tristão (o brasileiro) não se achava na varanda, como dissera o criado do doutor Rego, porém pouco depois vio-se apparecer um homem baixo e gordo, á vista do qual o tio do doutor Gama se sorrijo, lembrando-se da conversação, havida entre elle e seu sobrinho. O amoroso Tristão subio a muito custo as escadas da varanda e ao chegar a ella lançou em torno de si um olhar de curiosidade e desconfiança: e colhendo d'este rapido exame que se achava em terra de amigos, resolveo a aproximar-se de todo, comprimentando á direita e á esquerda, sem se afastar das boas tardes, meus Srs! Tristão era um homem de 48 a 50 annos, baixo e gordo como dissemos já, e possuindo um d'esses rostos vulgares, que nada indicam, e nos quaes nem mesmo a lanterna de *Diogenes* poderia descobrir um traço notavel. Trajava decentemente, mas sem gosto algum, tudo era em relação com o resto d'este singular personagem da nossa viridica e contemporanea historia. O doutor Gama, á vista d'este original, não pode deixar de sorrirse, e lançou um olhar a Luiza, que surpreendido por ella, far-lhe-ia acariciar um pensamento de esperanças e felicidade no porvir.

A conversação tornou-se geral, cada um brilhava pelos seus ditos mais ou menos chistosos; só o brasileiro, como um homem prudente, contentava-se em abanar a cabeça repetidas vezes, e rindo-se estrepitosamente quando algum dito espirituoso se fazia ouvir. Aonde está seu sobrinho? perguntou o doutor Rego a Tristão. Não sei: desde o jantar que lhe não puz a vista em cima. Iria pescar? perguntou o tio do doutor Gama. É uma das distrações em que se emprega poucas vezes, tornou o dono da casa. Provavelmente, continuou elle, fallando baixo, ha de andar á pesca de duas rapariguinhas da Fulgosa que vem aqui regularmente. Como um desmentido a esta asserção, uma voz sahida do interior da casa se ouviu, voz que produziu na maior parte dos assistentes

uma profunda sensação. Ao mesmo tempo um homem estava na varanda, exclamando:

Cesse tudo quanto a antiga musa canta,
Que um tio como o meu... o mundo espanta!

A. X. RODRIGUES PINTO.

POESIAS*

Nosso amor.

Esta chama tão ardente
Já devora lentamente
O meu triste coração;
Ah! Eulina, vem dizer-me
Que não buscas esquecer-me
Que indá me tens affeição!...

Sabes bem que me inspiraste
E que poeta me tornaste
Da juventude na flôr!
Sim, vêm dizer-me, que me amas,
E a pagar as vivas chammas
Corre, corre, meu amor...

Surja embora a desventura
N'essa lei amarga e impura
A ventura nos roubar?!...
Que á face dos céos eu juro
E por nosso amor tão puro
Poder d'ella triumphar!

Depressa voa a meus braços
E verás em doces laços
Um futuro mui feliz;
Corre, corre, essa ventura
Gozar; pois é santa e pura
Nosso amor é quem o diz!...

Eu procurava esquecer-te
Sem julgar que era offender-te
Tão innocente!... perdão...
Não me percas da lembrança
Tem fé, e tem esperança
Anjo do meu coração!...

Todo esse tempo passado
Quero que seja lembrado
Quando fallarmos d'amor;
Vem, que esta lyra contentê
Já te chama alegremente
Para a teus pés se depôr!...

Tu serás senhora minha
Serás mais do que rainha
Mais feliz inda bas de ser;
Pois terás um peito amante
Sempre amando-te constante
Inda depois de morrer!...

Depressa vâa a meus braços
 Entre ternos e doces laços
 Ver um futuro feliz ;
 Corre, corre, essa ventura
 Gozar ; pois é santa e pura
 Nosso amor é quem o diz.

Fevereiro 24 de 1856.

M. LEITE MACHADO.

Uma Estrella.

Vê no vasto firmamento
 Um portento ;
 Uma estrella a scintilar,
 Derramando viva luz
 Que seduz ;
 Que me fez extasiar.

Tinha raios, tão brilhantes
 Fulminantes ;
 Que os olhos lhe fez cegar,
 Ella vivia serêna
 Mui amêna ;
 Na agua a se retratar.

Eu vi outras estrellas
 Mui singellas ;
 Mui singella aljofrar,
 Nem-uma tinha a belleza
 A purêza ;
 Da que me fez encantar.

Eu te saúdo, ó estrella !
 Como a roza, ao astro rei
 Como o pai saúda a grei,
 Ha tempos ausente d'ella ;
 Derramaste em minh'alma,
 Uma esperança, uma calma,
 Que não posso explicar,
 Assim recebe as provas
 N'estas tão singellas trovas,
 N'este singello trovar.

Setembro de 1855.

MANOEL JOSÉ D'OLIVEIRA SILVA.

Já te não amo.

Que fim tiveram as juras
 Ardentes e tão seguras
 Que me fizeste d'amar ?
 Esqueceram ! É verdade
 Não ser já mais novidade
 Mulher manter, e jurar.

Foram vãs inspirações
 D'um momento, sem tenções
 De chegarem a ter fim,
 Foram brinquedos da vida,
 Distração e divertida,
 Que passaste junto a mim.

Louca, ai não, louco fui eu
 Que te amei, e que me deu
 Para crêr em teu jurar !...
 Mas se tu me parecias
 Anjo assim, o que farias
 Tu também em meu lugar ?

Havias de amar-me, diz ?
 Pois foi o que louco eu fiz,
 Que nos enganar não cria ;
 Devias porêr piedade
 Teres de mim, Anilade....
 Não quizeste !... quem diria ? !

Esforcei-me precisava
 Esquecer-te, trist'andava
 A pensar como o faria ;
 Mas desgraçado de mim
 Avivava mais assim
 O nosso amor d'algum dia... :

Tinha elle já se filtrado
 No coração, e ficado
 Como um nato sentimento
 Oh ! não te condoe ingrata
 Vêres como amor me trata
 De continuo n'um tormento ? !

Não ! não imploro de ti
 Nada ao que soffro e soffri,
 Porque te cri e amei-te ;
 Deixa-me, não prezumes
 Que me matão os ciumes
 De vêr-te hoje d'outro aceite ?

Mata-me só o peccado
 D'assim ter-te tanto amado....
 Não lembrar como esquecer-te
 Como pude fielmente
 Eu amar-te sempre e sempre
 E não chegar a intender-te !...

Ai que n'esta vida minha
 A condição mais azinha
 Foi o destino em te amar !
 O que já mais me ha custado
 Preterito que me ha ligado
 Pena, remorso e cismar.

Não o remorso d'um mal
 Que te fizesse, que tal
 Nunca por mim se intentou :
 É o remorso nascido
 De haver eu gasto e perdido
 Esse amor que já passou.

Ai que pena, que mau fado,
 Haver vehement'amado
 A linda sem ter belleza....
 Com teus rigores me matas,
 Illudes, finges, retratas,
 Impostôra a natureza !...

Março 2 de 1855.

J. J. BARBOZA DE CASTRO.

Milciades.

I.

Avante fieis companheiros
 Não podemos recuar,
 Avante que o inimigo
 Nossos lares quer tomar,
 E se chega a conseguir
 Nós não podemos fugir
 Vamo-nos escravisar ! !...

Assim dizia Milciades
 Á sua tropa luzida
 Que á vista do inimigo
 Estava esmorecido,
 Mas o chefe com brandura,
 Com palavras de ternura
 Lembrava Athenas querido.

Vedes a Persia em peso
 Seus males aqui trazer ?
 Estão certos na victoria
 Tudo isso faz crer !!
 Avante amigos fieis,
 Tocai os vossos corceis,
 Vamos cumprir um dever.

A tropa atheniense
 De repente se alegrou ! !...
 E n'uma marcha picada
 Aos persas caminhou,
 A peleja era forte
 A muitos causou a morte;
 Muita lança se quebrou.

II.

Na cidade de Athenas
 Tudo estava em confusão,
 E com olhos no horisonte,
 Grande dôr e afflicção,
 De repente um murmurinho,
 Vinha dizer de mancinho
 Alegrai o coração.

Ao longe lá—na campina
 Ligeiro pó se avistou ! !...
 Todo o povo de Athenas
 Seus olhos ali voltou ! !...
 Uns diziam, que horror
 Outro com muito ardôr
 Athenas victoriou ! !...

Era um pobre cavalleiro
 De cicatrises coberto,
 E nos traços de seu rosto
 A morte tinha mais certo,
 Já não podia fallar
 Só se ouvia o arquejar,
 Da morte que estava perto.

Chegou á porta de Athenas
 O povo todo tremeo ! !...
 E por fim a muito custo
 Seu peito fortaleceo,
 Allegra-te atheniense,
 A victoria nos pertence
 E no momento morreu ! ! !

Estrella 1855.

JOSÉ ANTONIO DE LYRA.

Recordações

Lá das selvas e dos campos,
 Onde a infancia passei,
 Com tristesa e saudade.
 Sempre me recordarei

Sem cuidados no futuro
 Mui contente ali passava
 Em mil brincos innocentes
 Era só no que eu pensava.

Dispontava a linda aurora
 Eu pelos campos corria,
 As flores, as aves, as selvas,
 Tudo para mim sorria !

Mas tanto bem já perdi !
 Da mãe e do pai saudoso,
 Vivo longe a suspirar
 Como um filho extremoso.

Prasa ao Céu que possa um dia
 Eu gozar tanta ventura,
 Que de affectos maternas
 Torne a gozar a doçura.

M. T. C.

A flôr sem culto.

Todo o universo reflecte
na tua imagem.

LAMARTINE.

Minha roza gentil, minha flôr,
Como agora serás no jardim
Requeimada talvez do calor,
Que no peito aguardas por mim !

Não ? ! quem dera poder eu voar
E ir á terra onde estás plantada,
Escaval-a, e então te mudar,
E trazer-te no peito encerrada.

Que os ardentes calôres do estio,
Nem rajada de forte aquilão
S'achegasse imprudente, e sem brio
A trocar-te o mimoso botão.

Praza a Deos que algum verme não rôa
Teu pé tenro, viçoso, engraçado,
Que serás melhor flôr da que sôa
Terem hi n'esse chão vegetado.

Has de ter um cultor que sou eu,
Que d'aurora ao romper se ha ver-te,
Estar com tigo, não ser senão teu,
Sobre a noite velar, defender-te.

Se eu gozasse a fragrancia qu'exhalas,
Onde os males m'opprimem constantes,
Minha roza ! bem longe das galas
Desfrutára felices instantes.

Percebera da vida o viver,
E nas véias o sangue girar;
Porém quasi me sinto morrer
Sem ao menos poder-te saudar.

Mas espero, confio na sorte,
Que ha de um dia raiar mais brilhante,
E que cheio d'amor n'um transporte
Possa ver-te, beijar-te incessante.

Adeos, casta, mysteriosa planta,
Minha roza gentil, por quem gemo;
Fade o céu o fulgor que m'encanta
Gloria sua e do Ente Supremo...

Rio de Janeiro 6 de outubro de 1833.

JOSÉ ERNESTO DA CRUZ FERREIRA.

VARIÉDADES.**As ruínas.**

Remontemos nossa imaginação á esse cahos do
passado, e reflectindo um instante, vertamos al-

gumas lagrimas ; ou ao menos sintamo-nos, por
vêr os indícios dessas ruínas collossaes de que a
historia tanto falla.

Essa famosa Babylonia, que tinha-se tornado,
pelos máos exemplos de seus afeminados reis,
theatro de luxo, e de depravação, ahí esquece-
ram os homens, os deveres sagrados do auctor
de seus dias, e o respeito e a adoração degene-
raram nos mais supersticiosos costumes.

A celebre torre de Babel, suas soberbas mura-
llhas, os jardins suspensos, a elegancia e a mag-
nificencia de todos os seus edificios, que lhes
custaram milhares de sacrificios, muito ouro e
muitos annos, desappareceram d'uma vez para
sempre, da face da terra quasi sem deixar vestigio ;
porque o dedo do Altissimo tinha decretado
sua ruina, para castigo de seus afeminados habi-
tantes.

Oh ! quanta vergonha não se occulta sob esses
montões inuteis de ruínas ; ruínas por toda a
parte é o que vemos como lembrança da ingrati-
dão dos homens !... E Thebas tambem jaz em
ruina ! Carthago, Ninive, Troia e de muitas ou-
tras cidades e edificios notaveis não restam mais
que montões de destroços, onde a curiosidade do
viajante estrangeiro, faz descobrir em seus mar-
mores, obras de architectura que dão uma idéa
mais elevada, do que foram essas grandes cida-
des, que hoje servem de abrigo aos reptis !....

JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

OS PRETENDENTES

DE

AMELIA**COMEDIA EM UM ACTO**

APPROVADA PELO CONSERVATORIO DRAMATICO
BRASILEIRO.

PERSONAGENS.

AMBROSIO.

JULIA.

AMELIA.

ALEXANDRE.

ANASTACIO.

JACINTHO.

FRANCISCO

Pai de Amelia.

Irmã de Amelia.

Filha de Ambrosio.

Amante de Amelia.

Pretendentes de Amelia

A acção passa-se em casa de Ambrosio ; em uma
sala espaçosa : portas lateraes : de momento a mo-
mento, ouve-se a musica na sala do festejo.

SCENA I.

AMBROSIO E AMELIA.

AMBROSIO. — O que dizes do festejo, minha querida Amelia?... não te parece estar brilhante?!..

AMELIA. — (*Disfarçando o desgosto*) Sim, meu pai, tudo respira praser e alegria (*á parte*). Emquanto uns se embriagam nos folguedos, outros pranteiam a sua sorte!...

AMBROSIO. — Esses trez moços, que se acham hoje em nossa casa, não são esbeltos, e desembaraçados; heim? não te agradaste ainda de nem um? ora, se te parece dize que não são do teu gosto!...

AMELIA. — Sim, meu pai; não me agrada nem um, podem ser muito boas pessoas; mas... (*á parte*) são uns hypocritas ambiciosos, e assassinos do amor de uma pobre mulher! (*alto*) Emfim, meu pai, não gosto, de taes senhores.

AMBROSIO. — Esta não é má!... Verdade é que elles não são já da tua idade; porém isso torna-se um pouco mais proveitoso: devem ter mas juizo e mais pratica do mundo; sabem calcular se ganham, ou se perdem; mettem-se só em negócios que façam vantagem; o que não acontece a esses criancetas, cabeças loucas que se atam a tôa por ahí além!... É isto, que se está vendo todos os dias: o seu mais bello praser é requestar as bellas meninas, faltar-lhes de amores, como se amores enriquecessem alguém!... Pobres rapazes!... E é nestes que vos minhas tolinhas empregaes os vossos celebres amores!... isto é de mais! é de mais!... Pois escolher um pai, um bom marido para uma filha, emfim, um bom negociante, que para o futuro pôde vir a ser um millionario!... E responderem: não sympathico... não é do meu gosto! isto, minha filha já não serve para mim que me passou um bom par de janeiros pela cabeça! Quero e mando. É forçoso escolheres um desses senhores para teu esposo; eu não aceito mais replicas nem escusas já entendeu, senhora minha filha?

AMELIA. — Se me permittisseis que eu fizesse a escolha, estou bem certa que não vos haviéis de arrepende.

AMBROSIO. — Pois não acabei agora de dizer-te que podias escolher aquelle que mais te agradasse?

AMELIA. — Já de ha muito que minha escolha está feita; e que a elle pertencem os meus pensamentos. Emfim meu pai, julgo que só elle me poderá fazer feliz.

AMBROSIO. — (*Contente pensando ser algum dos trez*) De certo, são negociantes — (*á parte*) Eu já sabia que a decisão seria infalivel!... (*alto*) Qual é pois o ditoso? diz e ... diz... e que já lhe quero ir dar os parabens! (*Amelia fica em silencio*). Que!... não respondes? acaso hesitas em dizer-m'o?!...

AMELIA. — (*com receio*) Não, meu pai, porém temo que não seja da sua approvação.

AMBROSIO. — Com a fortuna... não te entendendo! esse fallar me é estranho; explicai-vos!... Pois se é minha escolha como a posso reprovar?!..

AMELIA. — Mas se esse que amo não é da vossa escolha?

AMBROSIO. — Como! pois não me disseste que...

AMELIA. — Sim, que ha muito o havia escolhido.

AMBROSIO. — Com a breca!... nada, nada de rodeios... vamos, exijo que me expliques todas essas cousas?...

AMELIA. — Meu pai, é um joven que me soube comprehender; que captivou o meu coração pelas suas delicadas maneiras: sim meu pai, o nosso amor nutriu-se á sombra da innocencia; ah! foram dous corações que sympathisaram cá na terra, para serem unidos pelos laços sagrados.... fazei, meu pai, a vossa filha feliz; e não vos cegue a falsa apparencia; vêde que jámais eu poderei amar outra pessoa.

AMBROSIO. — (*Com enfado*) Não podes amar a outra pessoa! Pois bem... quero conhecê-lo! É estabelecido? tem dinheiro?

AMELIA. — (*á parte*) Meu Deos! sempre a mesma idéa!... sermos escravas do dinheiro... e nem ao menos podermos escolher um esposo!... (*alto*) Por ventura, meu pai, esses senhores são muito ricos?

AMBROSIO. — De certo, são estabelecidos e é quanto desejo. Porém não medizes quem é o sujeitoinho? (*á parte*) É provavel que seja algum dos que lhe acabo de retratar.

AMELIA. — Elle é muito bom moço, tem um excellente coração.

AMBROSIO. — (*impaciente*) Mas qual é o seu negocio? em que se occupa?

AMELIA. — (*com receio*) É compositor n'uma typographia.

AMBROSIO. — Compositor!... com Satanaz!... e achas tu que possam os compositores algum dia fazer fortuna, como cá nós os negociantes, que la vêm mais tarde, ou mais cedo, uma occasião de monopolios que com bem pouco capital se ganha um dinheirão!... E elles, pobres compositores, passam a vida na triste composição!... Basta, senhora minha filha, tenho dito; é mister escolher um dos que lhe destinei, não quero saber das suas lastimas. Volto daqui a um momento para saber a sua decisão.

SCENA II.

AMELIA E DEPOIS JULIA.

AMELIA. — (*Depois de um momento de silencio, vai-se assentar no sofá*) Como sou infeliz... Um casamento forçado, é a maior injustiça que os

pais podem fazer a sua filha; melhor fôra que fosse muito pobre; porque então não andaria ninguém atrás de meu pai estorvando a minha infelicidade. (*Enxuga as lagrimas, en' este momento Julia que a tem por algum tempo contemplado em silencio, se aproxima*).

JULIA. — Que é isso minha mana, estais a chorar?!...

AMELIA. — (*Dando por Julia*) Ah! estavas, ahi Julia!...

JULIA. — Em um dia de tanta alegria, e de tanto prazer!... sim, de certo que é muito estranho chorar uma pessoa, quando a esperam mil felicidades!...

AMELIA. — E chamais vós a isto felicidades!...

JULIA. — Eu cá o entendo assim; e sempre o ouvi dizer.

AMELIA. — Julia, tu ignoras todos os tormentos que soffro dentro do meu coração... Sim, vós inda não podestes ver a tempestade de males que me persegue a todo o momento!... Só eu é que me sinto ir de rojo contra a desgraça.

JULIA. — (*confusa*) E temeis vós, minha mana, contar me todos esses soffrimentos?! Não tenho eu sido sempre tão vossa amiga? oh! dizei-me, dizei-me todos os vossos tormentos... vamos minha maninha (*abraçando-a*).

AMELIA. — Achas que seja bem feito casarem uma pessoa contra sua vontade?

JULIA. — Não de certo; nem nosso pai procurou esses marmanjos, porém elles é que se foram afreguesando... que dizeis mana, heim?... Sabem que papai tem dinheiro, e...

AMELIA. — Está bom, Julia, está bom, mas não falles assim, por que te pôdem ouvir.

JULIA. — Ora o que me importa a mim com isso; comigo não ha de acontecer outro tanto; por que antes quizera ser freira, vivendo encerrada em um convento, do que estar sujeita a casar-me com quantos marmanjos me quizerem dar por esposos!... Esta é que não é má... nada.. nada comigo hade acontecer assim.

AMELIA. — Está bom Julia, tu não vês que é necessario obdecer a nosso pai; accomoda-te, és ainda muito criança.

JULIA. — Nada de brincadeiras, minha mana, fallai-me serio: olhai que já não sou tão criança como dizeis. (*à parte*) E então!... nem que eu não fosse já uma senhora!... (*examinando-se alto*.) Se não é do vosso gosto casar com nem-um delles, porque os não desenganaes? Se vós tivesses escolhido um moço que fosse do vosso agrado, já não aconteceriam estas cousas.

AMELIA. — E não o havia eu escolhido? Não vos tenho eu fallado tantas vezes d'elle?

JULIA. — Sim!... agora me recordo; até por signal, muitas vezes me dizies; hoje heide passar pelo outro lado da calçada, e nem para lá heide

olhar; mas no dia seguinte logo fazieis as pazes não é verdade, mana?

AMELIA. — Como estás lembrada!...

(*Continúa*).

M. LEITE MACHADO.

Um Santo com duas cabeças.

Um periodico inglez refere a seguinte curiosa anecdotica:—Viajando pela Irlanda um cavalleiro, visitou não ha muito um convento, em cuja igreja se lhe mostraram diferentes reliquias: entre estas viam-se dous craneos, um dos quaes devia ter pertencido, a um homem já de idade, e outro a um menino. Tendo o viajante perguntado ao frade, que lhe mostrava as reliquias, « de quem eram aquellas caveiras, » lhe respondeu o frade: « Esta cabeça grande é de S. Patricio, quando já era homem; e a pequena é do mesmo Santo, quando era menino. »

(*Extrahido.*)

Aquelle, que procura fama em sua vida, e que tem recolhido uma ampla seara de honras mundanas, acha alfin de tudo que não existe amor, admiração, nem louvores tão agradaveis á alma, como os tributos, que se recebem em a terra natal. É lá que elle procura gozar em paz da sua gloria entre seus parentes, e seus primeiros amigos; e quando seu coração esfriado, sua cabeça desfallecida o advertem, que o fim da vida se aproxima, elle volta com a mesma ternura, que um menino, aos braços de sua mãe a saborear o repouso entre as scenas da sua infancia.

J. Wasington.

DECLARAÇÃO.

A assignatura para esta folha é paga adiantada; no escriptorio da empreza rua do Senhor dos Passos n. 77 defronte da igreja. Por anno 6\$000, por semestre 3\$000; para seguir pelo correio por anno 8\$, por semestre 4\$.

O pagamento da assignatura está aberto. As pessoas que até aqui receberam os primeiros quatro numeros do segundo semestre são consideradas assignantes.

Os que receberam os primeiros numeros, e depois mandaram suspender, hajam de mandar entregar os numeros recebidos.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua da Alfandega n. 210.